

O LEITOR LIMA BARRETO - ESCRITOR DE *RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAÍAS CAMINHA*

Ana Carolina de Azevedo Mello Knoll (USP)¹
Doutoranda em Literatura Brasileira - Bolsista CAPES

RESUMO

Recordações do escrivão Isaías Caminha, publicado pela primeira vez em 1909, é o livro de estreia de Afonso Henriques de Lima Barreto na literatura e obra confessa da tentativa de inserir-se no campo de produção de bens culturais de seu período. Embora quisesse adentrar ao campo intelectual e ser reconhecido com um autor consagrado, sua posição como escritor sempre foi contrária ao repertório cultural elitizado de seus coetâneos, sendo este um dos fatores que podem ter sido preponderantes para sua marginalização na literatura pela crítica de sua época. Mas, para além do escritor foi também um exímio leitor, muitos rastros das suas leituras foram deixados em livros, diários, cartas, impressões de leitura, em suas contribuições para jornais e revistas e em sua biblioteca particular, a “Limana”. apreciador de romancistas como Dostoiévski, Balzac, Stendhal e Flaubert, sua produção ficcional revela um estilo próprio, diferente de seus pares, cuja preocupação social extrapolou os limites ditos literários. Atualmente, Lima Barreto tem recebido o mérito de um autor “extraordinário” para a história da literatura brasileira, sua produção é cada vez mais estudada pela academia e respeitada pela crítica. Para tanto, tendo como *corpus* de análise o romance *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1917), este artigo propõe uma investigação sobre a importância da atividade leitora de Lima Barreto em sua produção ficcional, bem como na diligência de inserir-se no campo de produção de bens culturais de seu tempo. O referencial teórico pauta-se na sociologia da literatura, cujas reflexões investem na relação entre sociedade e literatura, tomando a obra literária como objeto de análise.

Palavras-chave: Lima Barreto. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Sociologia da Literatura. Leitura.

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP). Bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO

Lima Barreto conhecia as regras que regiam os escritores e as instituições literárias contemporâneas a ele, mas sua obra, durante muito tempo, esteve relegada ao esquecimento, passou a ser reconhecida pela crítica e a adentrar ao cânone somente décadas após a sua morte. Embora quisesse adentrar ao campo intelectual e ser reconhecido com um autor consagrado, sua posição como escritor era contrária ao repertório cultural elitizado de seus coetâneos, sendo este um dos fatores que podem ter sido preponderantes para sua marginalização na literatura pela crítica de sua época. Atualmente, Lima Barreto tem recebido o mérito de um autor “extraordinário” para a história da literatura brasileira, sua produção é cada vez mais estudada pela academia e respeitada pela crítica.

Segundo o sociólogo Pierre Bourdieu (1997, p.13), “para compreender uma obra deve-se compreender inicialmente a produção, o campo da produção; a relação entre o campo no qual ela se produz e o campo em que a obra é recebida ou, mais precisamente, a relação entre as posições do autor e do leitor em seus respectivos campos.”. Quando lançou seu primeiro romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, no ano de 1909, sentiu-se incomodado com o silêncio dos críticos e dos jornais. Lima Barreto conhecia o campo literário em que estava inserido, colaborava em jornais e tinha contato com os escritores consagrados de sua época, ou seja, sabia as regras de legitimação literária.

Estava, pois, com um livro começado, bastante adiantado mesmo, e não tinha onde nem como publicá-lo. Escrevera os quatro primeiros capítulos lentamente, narrando com volúpia o seu próprio caso pessoal, já que foi dito e redito que Isaías Caminha e Lima Barreto são uma só pessoa. Tendo gorado o projeto da revista com Alcides Maia, os originais do Isaías Caminha dormiam na gaveta do romancista, como a desafiar a sua paciência. Sentia necessidade de ser lido, de ver o seu romance impresso, comentado, discutido, atacado. Para isso, sabia-o muito bem, era preciso ter a “sua” revista, livre de injunções de natureza subalterna. (BARBOSA, 2017, p.163)

No intento de investigar sobre a importância da lucidez leitora de Lima Barreto, na busca de inserir-se no campo de produção de bens culturais de seu período, escolheu-se para este estudo, a análise de seu primeiro romance publicado *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, por se tratar de uma forte crítica à sociedade e à imprensa da qual ele fazia parte. Para tanto, o presente artigo versará sobre uma fundamentação teórica pautada especialmente em reflexões sobre a considerada estrutura do campo literário, a obra de arte e, sobretudo, o campo da produção de bens culturais de onde ela emerge.

RELAÇÕES ENTRE A LITERATURA E A SOCIOLOGIA

É recorrente muitos estudiosos buscarem a superação do embate entre a escolha de uma análise da arte pura, dos elementos internos do texto, ou a proposta de leitura externa, sociológica, mesmo sendo essa oposição apenas uma discordância no rumo de abordagem do texto literário e de falsos dilemas e limites impostos pela tradição literária e sociológica, que repercute há muito tempo como aponta Wolf Lepenies, em sua obra *As três culturas* (1996, p.11):

Desde a metade do século XIX, a literatura e a sociologia disputam a primazia de fornecer a orientação-chave da civilização moderna e o direito de ser a doutrina de vida apropriada à sociedade industrial. Esse debate desempenha na vida pública, primeiramente da França e da Inglaterra, mais tarde também da Alemanha, um importante papel: suas consequências são visíveis ainda hoje.

As ciências sociais, na França e Inglaterra, empenhavam-se em conquistar seu lugar nas academias universidades, comprovando sua autonomia enquanto disciplina, mas enfrentavam a concorrência com a literatura. A sociologia vivia uma situação precária, uma espécie de “terceira cultura” entre ciências naturais, de um lado, e ciências humanas e a literatura de outro, que competiam entre si pelo destino da sociologia. Embora tardiamente, a sociologia consegue se firmar e institucionalizar, uma vez que mesmo os escritores opondo-se aos sociólogos, defendendo a arte pela arte, utilizam-se da sociologia, uma vez que suas obras são radiografias da sociedade em que se situam.

No Brasil, um dos teóricos mais influentes no estudo da sociologia da literatura é Antonio Candido, que afirma que esta pode auxiliar na compreensão do fenômeno literário e artístico. Ele explica seu método demonstrando como os elementos da estrutura externa ao texto se organizam e formam a sua estrutura narrativa. Partem da cultura e da realidade social e voltam da cultura para o texto, por meio de um jogo dialético. Portanto, é necessário compreender como as estruturas sociais da realidade se transformaram em elementos orgânicos na obra, em elementos estruturadores.

Segundo Candido, “uma crítica que se queira integral deixará de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente”. (2006, p.7). Sendo assim, não é possível ater-se apenas à análise imanente quando se pretende interpretar uma obra literária, a fim de reconhecer seu valor estético. Do ponto de vista sociológico, é necessário considerar o meio sobre a obra e a obra sobre o meio, e, ainda, a relação obra-autor-público.

Em sua obra *A distinção: crítica social do julgamento* (2007), publicada originalmente em 1979, pela editora Minuit, Pierre Bourdieu critica o que ele chama de ideologia carismática do gosto, indo contra a corrente crítica da arte e do senso comum, que pensam o gosto, as disposições e competências culturais como sendo dons da natureza ou da graça divina. Por meio de um olhar atentamente sociológico, busca compreender os mecanismos sociais e culturais, explicitando quais são as condições sociais da produção do gosto, que segundo ele, são provenientes de uma correspondência entre a educação e a origem de classe social, pois tanto o gosto quanto às práticas culturais estão ligados ao nível de instrução, ao capital acumulado, aferidas pelo diploma escolar e ao capital familiar.

Para o autor, a posição ocupada no espaço social, o capital herdado (que provém da família) e o capital escolar (medido pelo nível de instrução e competências atestadas pelo diploma) tem profunda relação com as preferências, desempenho e desenvoltura diferenciais com a cultura. Portanto, a cultura, especificamente os gostos e os estilos de vida, tem um papel determinante na estratificação das classes econômicas e culturais. Todas as práticas e preferências culturais são condicionadas pelo nível de instrução, pela origem social e pela posição ocupada no espaço social.

Bourdieu afirma que há uma relação entre os processos de estratificação social com a cultura erudita: “a definição dominante do modo de apropriação legítima da cultura e da obra de arte favorece, inclusive, no campo escolar, aqueles que, bem cedo, tiveram acesso à dita cultura legítima, em uma família culta. (...)” (BOURDIEU, 2013, p.09-10). O gosto erudito seria valorizado em detrimento do gosto da cultura comum, mas para o sociólogo, a apreensão e a fruição do valor da obra de arte não é uma disposição inata, mas apenas uma tentativa de justificar ideologicamente a superioridade social das classes dominantes, que possuem acesso a esses objetos culturais.

Em sua obra *As regras da arte* (1996) propôs um modelo do estado do campo literário que se instaura nos anos de 1880, na França, situando as obras literárias dentro das suas condições de

produção, circulação e consumo; demonstrou a relação existente entre a estrutura do campo intelectual com o campo de poder, em uma espécie de disputa e alianças em torno do bem simbólico. Buscou desmistificar os “bastidores” da produção literária, que existe em função de um fechamento entre seus membros, em torno do *habitus*, em uma política de pares, que para se proteger, tende a ser excludente.

É no horizonte particular dessas relações de força específicas, e de lutas que tem por objetivo conservá-las ou transformá-las, que se engendram as estratégias dos produtores, a forma de arte que defendem, as alianças que estabelecem, as escolas que fundam e isso por meio dos interesses específicos que aí são determinados (Idem, 1996, p. 61)

A desvalorização do grupo, pelo público externo, apenas contribui para firmar a posição dentro do campo: “à medida que o campo ganha em autonomia e impõe sua lógica própria, esses gêneros distinguem-se também, e cada vez mais nitidamente, em função do crédito propriamente simbólico que detém e conferem e que tende a variar em razão inversa do lucro econômico” (Ibidem, p.135). O autor alega que a política de produção erudita é uma política de tensão permanente, existem tensões externas, que obrigam o campo a se proteger, se fechar em um hermetismo, numa linguagem para iniciados, e ao mesmo tempo, sofre pressões internas do próprio campo que quer se expandir. Por meio dessa tensão, os pares se movimentam. A política do campo sobrevive, portanto, do elogio mútuo e da ruptura.

Quanto mais se consolida um campo de produção erudita, mais se buscam distinções culturalmente pertinentes. O campo tem que se renovar para se manter, pois se estagnar corre o risco de desaparecer ou de ter sua tendência, corrente ou escola, condenada à sucessão por outros grupos. Portanto, primam mais pela forma, do que pela função social, o que importa é o caráter estético da obra e do modo de representação do objeto.

LEITOR DE LIVROS E DA SOCIEDADE

Recordações do escrivão Isaías Caminha, publicado pela primeira vez em 1909, é o livro de estreia de Lima Barreto na literatura e obra confessa da tentativa de em inserir-se no campo de produção de bens culturais de seu período. Antes de sua publicação em livro, partes do romance – os três primeiros capítulos - já tinham sido publicados, no ano de 1907, sob a forma de folhetim, na revista “Floreale”, fundada e dirigida pelo próprio Lima Barreto. Em 1917, o autor reescreveu algumas partes do livro e o publicou novamente.

De pequeno formato (15 x 20 cm aproximadamente), com edições variando de 39 a 56 páginas, a revista Floreal apareceu na primavera de 1907, sob a direção do escritor Lima Barreto, para deixar de ser publicada dois meses depois, totalizando apenas quatro números. Certamente, a prosperidade do mercado dos impressos periódicos animou esta iniciativa. Enquanto livros encontravam um público leitor restrito, revistas e jornais diários inundavam a praça agradando a todos os gostos. Devido à apresentação simples, à diagramação sóbria e aos longos textos focados na crítica literária, Floreal ficava em desvantagem comercial frente às lindas revistas ilustradas. Tal fato não passou despercebido por seu diretor, crítico ferino da crescente estandardização da produção cultural mais voltada ao entretenimento que à informação. Chegou a escrever na “imprensa burguesa”[1], mas nunca se adaptaria a tal situação. Em Floreal revelou-se impiedoso com a mesma.²

² GUIMARÃES, Valéria. Floreal: uma iniciativa radical – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin: www.bbm.usp.br/node/138

Conforme Bourdieu (1996), com a Revolução Industrial, há o desenvolvimento de uma verdadeira indústria cultural, instaurando uma relação entre a imprensa cotidiana e a literatura, permitindo às novas classes o acesso maior à cultura. Os intelectuais marginais, não pertencentes ao grupo erudito, veem na imprensa uma forma de ascensão.

Lima Barreto queria dirigir a sua própria revista, para tanto, fundou a *Floreal*, onde foi editor, diretor e mentor, publicou seus textos, pensamentos e críticas, assinando o seu próprio nome, seu intuito era se estabelecer na imprensa do Rio de Janeiro e, sobretudo no meio literário. Foi nesse espaço que nasceram as primeiras páginas de *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*.

Veremos que a revista é como um grito de afirmação - ainda que um grito rouco e ouvido por poucos, pouquíssimos na época - de um indivíduo que sonha e deseja pra si um destino literário. Um grito e um desabafo de quem quer escrever e não encontra espaço. Está lá no mesmo editorial da Floreal o desabafo a que me refiro. (...) declara: “Há entre nós uma razão de completo contato: é a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade habituais e o nosso dever de nos publicar. Este caminho se nos impunha, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pai livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só há um meio de se chegar ao editor - é o jornal.”³

No romance em questão, a exegese, apresentada por uma voz autoral intrusiva, é ambientada no começo do século XX e traz a personagem Isaías Caminha, jovem negro que decide migrar do interior para ser estudante na capital do Rio de Janeiro, atua como contínuo em um respeitoso jornal e mais tarde consegue um cargo de jornalista. O leitor, antes de adentrar à narrativa, encontra uma espécie de prefácio, intitulado “Breve notícia”, que é iniciado com uma epígrafe extraída da obra *Vers d'un Philosophe*, de Jean Marie Guyau⁴, onde o suposto autor (Isaías Caminha) e/ou o autor real (Lima Barreto) explica ser o editor das recordações de seu amigo Isaías, escrivão de uma cidade interiorana, que decidiu escrever seu livro de memórias.

No romance, Lima Barreto projeta sua própria vivência nas redações jornalísticas, apresenta os acontecimentos da República, combatendo o preconceito racial e a discriminação social do negro, critica os políticos, o vazio intelectual, a falta de cultura e a ganância dos títeres do jornal e dos homens influentes de sua época. Por fugir do beletrismo conservador de seus pares, Lima Barreto foi constantemente acusado de não ter estilo, devido ao uso de uma linguagem jornalística, de cunho memorialista, autobiográfico e subjetivo, porém, segundo Figueiredo e Ferreira (2017, p.14-15):

Lima Barreto apresenta os princípios estéticos próprios dos grandes romances do século XIX, mas esvazia seu sentido e sua função, apropria-se deles para renová-los. O resultado produz uma crise na forma do romance, não por incompetência literária, excesso de personalismo, denunciamento ou ressentimento, mas por profunda compreensão de que, para uma nova percepção da subjetividade e da consciência, o romance exige outra forma de narrar. (...) Uma de suas estratégias será a exposição ao leitor do instável equilíbrio entre o real e o fictício, que, em um romance como *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, produz a simulação de autobiografia, uma das formas do pacto ambíguo, categoria desenvolvida nos ensaios de poética narrativa por Manuel Alberca.

³ FLOREAL (1907; BOTELHO, 2006, p.2;)

⁴ Jean-Marie Guyau (Laval, 28 de Outubro de 1854 — Menton, 31 de Março de 1888) foi um filósofo e poeta francês.

O romance é ambientado em uma cidadezinha interiorana e, depois, na capital do Rio de Janeiro, mais especificamente no fictício jornal “O Globo”, onde o autor transcreve as experiências que teve no jornal “Correio da Manhã”, utilizando de pseudônimos para citar antigos desafetos dos colegas que ele teve na redação do jornal.

A angústia do protagonista começa com o seu nascimento, ele é fruto do pecado cometido por sua mãe e um vigário. Ela era negra, simples e humilde, seu pai era branco, napoleônico, fortemente inteligente e ilustrado. O jovem Isaías teve uma boa reputação de estudante, graças a uma formação escolar sólida e o exemplo recebido em sua base familiar. Foi para o Rio de Janeiro tentar a vida na cidade grande para um homem grande feito ele. Queria o diploma de doutor, acreditava que na capital conseguiria se livrar da distinção sofrida pela cor de sua pele, pois assim que conseguisse a titulação, faria valer todos os anos de estudos, seria distinto e respeitado por uma nova “casta”, bem-vindo à cultura legítima.

Ah! Doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor (...) Era mágico o título, tinha poderes e alcances múltiplos, polifórmicos... (...) Oh! Ser formado, de anel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso (...) (BARRETO, 2017, p.75)

Pierre Bourdieu afirma que a certificação escolar (diplomas e comprovantes escolares) é essencial para que os agentes sociais possam afirmar a competência da cultura legítima. Os diplomas servem como legitimadores hierarquizantes e proporcionam efeitos simbólicos e sociais, embora neles não estejam inscritos todas as competências e saberes que o sujeito de fato aprendera na escola. Aqueles que dispõem do capital social e do capital escolar se mantêm na cultura legítima, pois a incorporam com naturalidade; Aqueles que possuem somente o capital familiar necessitam conquistar o diploma escolar para comprovar a interiorização da cultura legítima; Aqueles que possuem somente o capital escolar estão condenados à margem da cultura dominante, pois na acepção do autor, a escola reproduz as desigualdades sociais, ao inculcar e impor a cultura legítima, uma vez que não possibilita a ascensão social dos estudantes desprovidos de capital social.

(...) É através do diploma que são designadas certas condições de existência, aquelas que constituem a condição da aquisição do diploma e, também, da disposição estética, ou seja, o mais rigorosamente exigido de todos os direitos de entrada que, sempre tacitamente, é imposto pelo universo da cultura legítima: antecipando em relação a demonstração, pode-se afirmar, simplificando, que os diplomas aparecem como uma garantia da aptidão para adotar a disposição estética porque eles estão associados seja a uma origem burguesa, seja ao modo de existência quase burguesa pressuposto pela aprendizagem escolar prolongada, ou – e esse é o caso mais frequente – às duas propriedades reunidas. (BOURDIEU, 2007, p.31)

É possível compreender como a leitura se configura na consciência de base literária de Lima Barreto, a partir de sua história pessoal de leitura, que são relatadas na obra Recordações do Escrivão Isaías Caminha as quais se constroem na base de relações análogas do entorno social. Isaías foi um bom aluno, teve grandes méritos na escola. “Quando acabei o Liceu, tinha uma boa reputação de estudante, quatro reprovações plenas, uma distinção e muitas sabatinas ótimas.” (BARRETO, 2017, 69).

Conforme Schwarcz (2017, p.23-24), quando o escritor nasceu, sua mãe, formada professora, atuava no magistério e tinha em sua própria casa um estabelecimento de ensino para meninas. É fato

que o índice de analfabetismo no Brasil era muito alto já no início da República, que segundo o censo de 1890, a taxa de analfabetismo no país contava de 82,6% para pessoas de 5 anos ou mais. Portanto, Lima Barreto tivera a sorte de aprender com a mãe as primeiras letras. Após a morte de Dona Amália, quando Afonso tinha apenas 6 anos, o escritor iniciou os estudos na escola pública de Dona Tereza Pimentel do Amaral, pela qual teve grande afeto.

No romance em questão, a personagem demonstra admiração por seu pai: “Via-o às tardes, nos dias de bom humor, mudá-la de chofre, fazer-se risonho, vir para mim, sentar-se à mesa, e à luz do lampião de querosene, explicar-me pitorescamente as lições do dia seguinte.” (BARRETO, 2007, p.111). Segundo Francisco de Assis Barbosa (2017, p.70), o pai de Lima Barreto era presente na vida escolar de seus filhos, tomava as lições, ajudava-os com os exercícios de Francês e Inglês e estimulava-os. Desde criança, a leitura fizera parte de sua rotina familiar. As obras do ficcionista francês Júlio Verne, presentes recebidos de João Henriques, despertaram-no para o gosto pela leitura e pela fantasia.

Quando iniciou os estudos secundários e parte do suplementar no Liceu Popular Niteroiense - escola frequentada pela alta sociedade - graças ao auxílio financeiro de seu padrinho de batismo Visconde de Ouro Preto, foi pupilo da professora de inglês, que marcou profundamente seu ser, era dona Miss Annie Cunditt, que é mencionada em Recordações do Escrivão Isaías Caminha, sob a figura de Dona Ester.

Correspondia-lhe à afeição com tanta força d'alma, que tive ciúmes dela, dos seus olhos azuis e dos seus cabelos castanhos, quando se casou. Tinha eu dois anos de escola e doze de idade. Daí a um ano, saí do colégio, dando-me ela, como recordação, um exemplar do *Poder da vontade*, luxuosamente encadernado, com uma dedicatória afetuosa e lisonjeira. Foi o meu livro de cabeceira.” (Ibidem, p. 68-69).

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Isaías Caminha sofreu desilusões e dificuldades, pois não recebeu auxílio do doutor H. de Castro Pedreira, que estava encarregado de recepcioná-lo e ajudá-lo. No desenvolvimento da trama, a personagem enfrenta o preconceito da sua pele negra, devido à mentalidade de um Brasil recém pós-abolicionista, cujas teorias raciais espalharam noções de superioridade racial e o estigma do pessimismo quanto ao futuro de uma nação mestiça. Foi insultado de “mulatinho” e malandro, detido como um vagabundo na delegacia, mas absolvido por conhecer um jornalista influente, Gregoróvitch, o qual lhe ofereceu um cargo para trabalhar na redação do jornal *O Globo*, como contínuo. “No começo, custei a conformar-me com a posição de contínuo, mas consolei-me logo, ao lembrar-me dos meus heróis do *Poder da vontade*.” (Ibidem, p.194).

Isaías Caminha também era leitor de *best-sellers*, seu livro de cabeceira era o *Poder da vontade*, do autor britânico Samuel Smiles, escritor de livros de auto-ajuda que foram traduzidos e publicados no Brasil, que inspirou leitores em todo o mundo, ao narrar as histórias de pessoas comuns, provenientes de posições sociais não privilegiadas, mas que alcançaram grande sucesso e altas posições, como cientistas, literatos, artistas etc.:

Desse momento em diante, a narrativa mantém-se em torno das observações que o contínuo Isaías faz da engrenagem do “jornal burguês” e das denúncias do jogo de interesses e aparências deste campo, que era dirigido por um diretor tirano, mas venerado como um deus. Lima Barreto faz um retrato caricatural e satírico da imprensa brasileira de sua época.

Depois de acovardado, tornei-me superior e enervado e não tentei mais mudar de situação, julgando que não havia no Rio de Janeiro lugar mais digno para o genial aluno da Dona Ester que o de contínuo numa redação sagrada. Não estudei mais, não mais abri livro. Só a leitura d'O Globo me agradava, me dava prazer. Comecei a admirar as sentenças, as pilhérias do Losque, a decorar a gramática homeopática do Lobo e a não suportar uma leitura mais difícil, mais densa, mais logicamente arquitetada, mesmo quando vinha em jornal. (Ibidem, p. 197).

Com a morte de um funcionário do jornal, devido à Revolta dos Sapatos, Isaías passou a refletir sobre a função do jornal, sobretudo o quanto a máquina editorial é capaz de influenciar o cidadão a se revoltar para conseguir mais audiência. Isaías afirma não ser literato, mas que recorre aos seus escritores favoritos, em busca de um modelo ideal para sua escrita. Lima Barreto frequentemente também retrata tais autores em suas obras, especialmente Hippolyte Taine, Célestin Bouglé e Alexandre Ribot, que figuram no inventário de sua biblioteca pessoal, a limana:

Eu não sou literato, detesto com toda a paixão essa espécie de animal. (...) Se me esforço por fazê-lo literário é para que ele possa ser lido, pois quero falar das minhas dores e dos meus sofrimentos ao espírito geral e no seu interesse, com a linguagem acessível a ele. É esse o meu propósito, o meu único propósito. Não nego que para isso tenha procurado modelos e normas. Procurei-os, confesso; e, agora mesmo, ao alcance das mãos, tenho os autores que mais amo. Estão ali *O crime e o castigo*, de Dostoiévski, um dos *Contos de Voltaire*, *A Guerra e a Paz*, de Tolstói, o *Le Rouge et le noir*, de Stendhal, a *Cousine Bette*, de Balzac, a *Éducation sentimentale*, de Flaubert, o *Antéchrist*, de Renan, o Ela; na estante, sob as minhas vistas, tenho o Taine, o Bouglé, o Ribot e outros autores da literatura propriamente, ou não. (BARRETO, 2017, 137-138 - Recordações)

Lima Barreto era inspirado pelos autores mencionados, buscava neles modelos para sua escrita militante, que problematizava as distinções sociais de sua época. Há referências de clássicos em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha: Ilusões perdidas*, de Balzac, cujo protagonista, um jovem poeta, sai do interior e vai para caótica cidade grande para tentar ser um autor consagrado da literatura, trabalhando inclusive no meio jornalístico; e o romance psicológico *Vermelho Negro*, de Stendhal, no qual o protagonista busca o sucesso e ascensão na sociedade parisiense de 1830, apesar de sua origem provinciana. *A educação sentimental*, de Gustave Flaubert, também é um dos intertextos perceptíveis em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. Assim como a personagem Frédéric relata as estruturas sociais vivenciadas por Flaubert, Isaías Caminha também relata as de seu criador.

A educação sentimental, essa obra mil vezes comentada, é sem dúvida jamais lida realmente, fornece todos os instrumentos necessários a sua própria análise sociológica: ocorre que a estrutura da obra, que uma leitura estritamente interna traz à luz, ou seja, a estrutura do espaço social no qual transcorrem as aventuras de Frederic, é também à estrutura do espaço social no qual seu próprio autor estava situado. (BOURDIEU, 1996, p.17)

Na acepção de Figueiredo e Ferreira (2017, p.85-87), Lima Barreto introduz na forma tradicional do romance, a zona ambígua entre narrador e autor, simulando a autobiografia, exigindo do leitor uma nova maneira de percepção. Escreveu autoficção, antes mesmo de a crítica definir a existência desse gênero. Em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, Lima Barreto renovou a forma do romance tradicional dos autores do século XIX, para que pudesse expressar a distinção e as

dificuldades vivenciadas pelos aspirantes a intelectuais em uma sociedade excludente que fecha aos novatos o acesso aos circuitos de saber, prestígio e poder.

Mesmo desejoso de mostrar aos leitores o poder da sedução da literatura, os limites e a força de quem escreve as funções que lhes são atribuídas pela sociedade, à maneira de esclarecimento e orientação, Lima Barreto reconhece a necessidade de inovar a forma, em um diálogo tenso com a tradição. Por isso, reencontra o rompimento na linearidade da ação e fabulação do eu do autor apresentados por Stendhal, a inserção do detalhe e da banalidade cotidiana em Balzac e o traço psicológico de Flaubert. Apropria-se de seus recursos estéticos para, modificando-os, renovar o romance. (FIGUEIREDO e FERREIRA, 2017, p.85)

Isaías verificou os livros que pertenciam ao Floc - crítico literário do jornal e que pode ser considerado na vida real como o paranaense João Itiberê da Cunha, um dos fundadores do Correio da Manhã - e percebeu que não havia em sua biblioteca obras de historiadores, filósofos ou de crítica literária, mas sim anedotas literárias de autores de todos os tempos, de todos os países e livros de romancistas da moda. O gosto literário o jornalista era bem diferente do de Isaías Caminha, que era leitor de obras literárias.

Lima Barreto, ávido leitor, era conhecedor lúcido da sociedade em que pertencia e de obras de “pensadores contemporâneos sofisticados (Taine, Bouglé, Tobias Barreto, etc)”, (BARRETO, 2007. p.202). Sobre as suas leituras efetivadas, algumas pistas foram deixadas pelo próprio escritor, há rastros em seus diários, suas cartas, seus romances, em suas impressões de leitura, em sua biblioteca – a Limana; em suas contribuições para os jornais onde trabalhou, etc., mas ainda assim, não são suficientes para montar o quebra-cabeça sobre sua biblioteca vivida ou seu repertório de leitura, que talvez será para sempre inacessível, pois, reconstruir a leitura implícita visada ou permitida pelo impresso não é, portanto, contar a leitura efetuada e ainda menos sugerir que Lima Barreto lera como imaginou-se que lesse.

Conforme Lilia Schwarcz (2017, p.12), as obras que Lima Barreto efetivamente leu e, que o inspiraram, bem como os títulos que colecionou em sua biblioteca, foram inventariados pelo próprio escritor e totalizam 707 volumes, que vão desde literatura realista russa e francesa; obras de referências que são citadas em suas obras, livros de ciências, jornais nacionais e estrangeiros, romances, crônicas, contos, etc. Outrossim, a biblioteca do autor – a Limana – contava com um vasto acervo das obras de teóricos do determinismo racial, filosofia que o autor condenava, mas lia-os para se defender e militar. É possível que tais obras tenham sido fundamentais para que o escritor se tornasse um forte crítico da sociedade, militante e porta-voz dos silenciados.

Quando Floc suicidou, Isaías teve que ir até a uma casa de prostituição para dar a notícia a Loberant, que por vergonha e/ou afinidade, ofereceu-lhe um cargo de jornalista. Isaías Caminha ganhou o prestígio dos grandes homens da cultura carioca, passou a ser reconhecido por seu talento e respeitado por sua inteligência e cultura. Contudo, cansou-se da vida de jornalista, da violência simbólica causada pelos donos do poder e da máquina editorial, que somente serviam para legitimar a cultura dominante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Os estudos da sociologia da literatura apontam que a leitura está intimamente ligada à produção escrita dos autores, em *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* são perceptíveis traços da avidez leitora de Lima Barreto, que demonstram a sua lucidez extemporânea sobre a arte literária. Leitor de autores como Dostoiévski, Balzac, Stendhal e Flaubert, sua produção escrita demonstra que

possuía um estilo próprio, diferente de seus pares, cuja preocupação social extrapolou os próprios limites literários. Durante muito tempo foi criticado pelo caráter autobiográfico de suas obras, porém a estética de Lima Barreto era mais avançada do que a de seus coetâneos, “segundo ele, era preciso caprichar na trama de maneira a não deixar a biografia aparecer demais, até mesmo no caso de uma literatura claramente autoidentificada, como era a dele” (RESENDE, 2017, p.14). Em uma postura visionária, firmou um pacto ambíguo entre leitor e escritor, misturando ficção e realidade, produzindo uma literatura social, solidária, revolucionária, engajada, que se mantém viva e atual, versando sobre o tamanho das necessidades e questões brasileiras de seu período, inclusive da contemporaneidade.

Embora Lima Barreto tivesse competências culturais cultas, provenientes de um ambiente familiar leitor (como se pode comprovar a partir das leituras efetivadas pelo escritor e por sua família), pode-se aferir que vivenciou aquilo que Pierre Bourdieu intitula de “distinção”, onde o nível de instrução é aferido pelos diplomas escolares, pela origem social e herança familiar. Lima Barreto queria ser reconhecido pela sociedade letrada, inclusive por instâncias de legitimação como a escola e a academia: não conseguiu concluir os estudos na Politécnica, candidatou-se três vezes para uma vaga de imortal na Academia Brasileira de Letras, todas sem sucesso. Criticava aqueles que se intitulavam “doutores” mesmo não possuindo título superior, para que fizessem parte da elite doutoral, que passou a substituir a elite nobiliárquica.

Segundo Bourdieu, quanto mais o campo se autonomiza, mais se torna irreduzível aos princípios externos do campo, ou seja, o que é externo é visto como algo que não merece atenção dos pares, da crítica ou de uma instância de consagração. Lima Barreto buscou, portanto, na imprensa uma forma de ascensão na literatura, *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* é uma obra confessa desse seu intento, onde desmistifica os bastidores da imprensa brasileira e o próprio campo de poder, que é excludente. Lima Barreto foi um grande leitor de livros e da sociedade, característica fundamental na elaboração de seu legado visionário.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. **A vida de Lima Barreto: 1881-1922**. 8º ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2017.

BARRETO, A. H. de Lima. **Diário do hospício; O cemitério dos vivos**. Prefácio Alfredo Bosi. Organização e notas: Augusto Massi e Murilo Marcondes de Moura. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Recordações do Escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017.

BOTELHO, Denílson. **Floreal e o Jornalismo no Tempo de Lima Barreto**. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom, 2006. Acesso em: 03/07/2019; “Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/118258169979454836199055070200094661781.>”

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

_____. **Campo intelectual e projeto criador**. In: Pouillon, Jean et alli. Problemas do estruturalismo. Trad. de Rosa Maria R. da Silva. Rio de Janeiro: Zahar, 1968

_____. **Economia das trocas simbólicas**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2007

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 5ª ed., São Paulo: Nacional, 1976. Brasiliense, 1989

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de; FERREIRA, Celia Maria (Org.). **Lima Barreto, caminhos de criação: Recordações do escrivão Isaías Caminha**. São Paulo: Edusp, 2017

_____. **Lima Barreto e o romance: crítica e crise**. TERESA (USP), v. 14, p. 141-166, 2014

GUIMARÃES, Valéria. *A Revista Floreal e a recepção aos faits divers na virada do dezenovevinte*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 19, p. 274-290, jul. 2010

_____. **Floreal: uma iniciativa radical**. Biblioteca Brasileira e Guita José Mindlin. Disponível em “Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/138>> Acesso em: 30/05/2019

LEPENIES, Wolf. **As Três Culturas**. São Paulo : EDUSP, 1997

RESENDE, Beatriz. **Impressões de leitura e outros textos críticos**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2017

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto: Triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

WILLIAMS, Raymond. **The Long Revolution**. Wales: Parthian, 2011

ZILBERMAN, Regina. **Fim do livro, fim dos leitores?**, São Paulo: Editora Senac, 2008